

O QUE NOS AJUDA A SOBREVIVER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA?

Felipe Mateus de Almeida

Doutorando em Sociologia pela
Universidade Federal de Goiás –
UFG.

Tentar ser humano em uma sociedade que, a cada dia que passa, desenvolve valores e práticas desumanizadoras, não é tarefa fácil. Para cada passo que se dá para frente, aparecem dezenas de dificuldades que nos fazem caminhar para trás. Não aceitar aquilo que é imposto, questionar o que muitas vezes é dado como inquestionável e propor um projeto de mudança que fuja das garras das instituições “democráticas” do modo de produção capitalista e suas saídas reformistas, como é proposto pelos partidos políticos ditos de esquerda e que supostamente representam os interesses da classe trabalhadora, muitas vezes é motivo de cansaço e desgaste.

Em meio a essas questões, ainda temos que enfrentar os problemas do cotidiano, como a falta de perspectiva e a insegurança em relação ao trabalho, que mesmo sendo alienado, infelizmente é necessário para nossa sobrevivência. Diante disso, na maioria das vezes, buscamos soluções ou saídas para esses problemas e inquietações através de mecanismos que estão presentes na sociedade capitalista, sendo criados e financiados pela burguesia e suas classes auxiliares.

Nesse artigo, trazemos uma breve crítica a alguns desses mecanismos, sobretudo a chamada autoajuda - que é financiada pelo capital editorial - e o capital

farmacêutico, que a cada dia que passa enriquece mais os donos das empresas desse ramo através da criação de remédios que supostamente combatem a depressão e a ansiedade, que são dois males que tem atingido os indivíduos que vivem em uma sociedade onde, na maioria das vezes, não se tempo e nem escolha para tomar decisões que tragam benefícios para o desenvolvendo psíquico.

A Autoajuda nada mais é do que um nicho de mercado criado pelo capital editorial se aproveitando de um individualismo exacerbado sustentado pela atual lógica neoliberal onde as pessoas abandonam seus valores autênticos em prol do sucesso e do status baseados no lucro.

A competição social cada vez mais eminente em nossa sociedade nos transforma em seres sedentos pela busca de privilégios e distinção, tornando-nos indivíduos perfeitos em uma sociedade imperfeita.

A busca pela ascensão social em um modelo de sociedade que exige de nós um perfil social que, na maioria das vezes, nos faz fugir da nossa verdadeira essência e personalidade, acaba por criar uma espécie de máscara ou barreira que nos impede de alcançar o desenvolvimento pleno de nossas potencialidades, onde a busca pela superação do modo de produção capitalista e suas relações sociais, são tarefas fundamentais para aqueles que lutam pelos valores autênticos.

A cada dia que passa, a tendência para transformarmos nossas vidas em uma espécie de corpo burocrático-gerencial, onde estamos fadados a executar tarefas e conquistar objetivos pautados em sermos melhores do que nosso semelhante, se torna visível.

Por estarmos submergidos nessa lógica, nós acabamos nos esquecendo de nosso papel enquanto membros de uma coletividade. Nós somos seres sociais e precisamos nos relacionar uns com os outros por questões físicas, fisiológicas e psicológicas. O fato de estarmos nos transformando em indivíduos cada vez mais

orientados pela lógica do sucesso pela busca do dinheiro, acaba nos fazendo esquecer a nossa necessidade de socialização.

Mesmo quando nos socializamos e nos relacionamos com alguém, é sempre pensando em um processo de troca, onde vejo no meu semelhante uma espécie de produto que pode me oferecer algo que satisfaça minhas necessidades. No que tange as relações de trabalho e acadêmicas, o que existe por trás de um suposto interesse focado na amizade e no sentimento de solidariedade para com o colega de trabalho ou de faculdade, é um projeto de buscar ascender socialmente através da conquista de cargos, bolsas de pesquisa e vagas em um processo seletivo de mestrado ou doutorado.

No que se refere às relações afetivas, muitas vezes o que se tem é um mero interesse de satisfação das nossas necessidades sexuais, onde o companheiro ou companheira é visto como um pedaço de carne. O Tinder – famoso aplicativo de encontros marcados pelas redes sociais – é um exemplo disso, pois com o uso dele, a partir de um leve deslizar dos dedos, posso "selecionar" uma parceira e ver o que rola após o encontro. É como se fosse um mercado de pessoas, onde encontro “produtos” para todos os gostos e de diversos sabores.

Por mais que, aparentemente, os seres humanos pareçam estar adequados e acostumados a essas novas práticas de sobrevivência fomentadas pela competição social, o que se tem observado é um aumento dos problemas relacionados a ansiedade, a depressão e ao suicídio.

É a partir da exploração desses problemas que se tem o desenvolvimento do mercado da autoajuda, onde o capital editorial e os autores que dele participam – como podemos ver nas figuras de Augusto Cury e Içami Tiba – lançam verdadeiros “manuais de sobrevivência” que ensinam o indivíduo a superar o seu fracasso e a buscar maneiras de conquistar o sucesso.

Da mesma forma, o capital farmacêutico se enriquece às custas da criação das chamadas “drogas para o estudo” – como é o caso da Ritalina – e também dos

antidepressivos e demais medicamentos para controle da ansiedade. Não devemos ainda nos esquecer da psicologia, que muitas vezes nos induz a acreditar que o problema somos nós e que é necessária a superação desses nossos problemas para que possamos nos encontrar e nos enquadrar na sociedade.

Nesse sentido, é necessário que se pense no papel da autoajuda e dos demais fenômenos aqui citados. Será que eles realmente nos ajudam a superar nossos problemas e desenvolver nossas potencialidades ou auxiliam no processo de manutenção e hegemonia da ideologia dominante?

A nossa concepção parte da ideia de que esses fenômenos e práticas não buscam compreender o problema em sua raiz, pois focam o cerne da questão no indivíduo e não na sociedade, no regime de acumulação e nos valores que acarretam esses problemas.

O fato é que por mais que essa sociedade, pautada por uma luta de classes onde os valores da classe dominante se tornam os valores dominantes, muitas vezes nos faça fraquejar, é preciso que não se deixe de lado a força e a perspectiva de luta por uma sociedade justa e igualitária, que seja livre dos valores e relações sociais capitalistas. Sentir-se culpado ou em dúvida sobre determinada escolha em uma sociedade que não te dá tempo ou nem sequer liberdade para refletir sobre suas escolhas e decisões, não é errado. Errado é se entregar as artimanhas da sociedade capitalista e suas práticas e valores desumanizadores.

É necessário que se faça uma crítica desapiedada a esses fenômenos, bem como ao modo de produção que os favorece: o modo de produção capitalista. É preciso que essa crítica seja respaldada por um projeto de sociedade autogerida, onde os indivíduos possam desenvolver suas potencialidades de maneira plena, sem que exista a divisão entre as classes sociais, a exploração e a competição social.

Sendo assim, respondendo a pergunta que dá título a esse artigo, por mais que o caminho seja tortuoso e cheio de obstáculos, é preciso que se tenha em mente que somente a superação do modo de produção capitalista e suas relações sociais através de

Revista Posição

uma perspectiva e alternativa de luta autogestionária, poderá nos libertar do caminho da incerteza e da desilusão, o que conseqüentemente nos aproximará do desenvolvimento pleno de nossas potencialidades e de uma consciência humanista. Humanismo e capitalismo nunca irão caminhar juntos, e somente a defesa dos valores autênticos e a luta por uma sociedade autogerida, onde não exista nem governo e nem patrão, ou seja, a defesa de um projeto que pode ou não pode estar tão distante de ser realizado, é que ainda nos faz sobreviver e nos manter de pé diante de todas as mazelas oriundas do capitalismo e suas relações sociais.